

# Nosso Senhor Jesus perante Herodes



*C.H. Spurgeon*

PROJETO  
**SPURGEON**

PREGANDO A CRISTO CRUCIFICADO

# Nosso Senhor Jesus perante Herodes

No. 1645

Um sermão pregado na manhã de domingo, 19 de fevereiro de 1882

*Por Charles Haddon Spurgeon*

No Tabernáculo Metropolitano, Newington, Londres.

***“E Herodes, quando viu a Jesus, alegrou-se muito; porque havia muito que desejava vê-lo, por ter ouvido dele muitas coisas; e esperava que lhe veria fazer algum sinal. E interrogava-o com muitas palavras, mas ele nada lhe respondia. (Lucas 23:8-9 ACF)”***

Depois que Pilatos declarou aos principais sacerdotes e aos escribas que não achará nenhum delito em Jesus, esses temeram que sua vítima escapasse, e por isso suas fúrias se levantaram a um nível tão extremo, que persistiram com maior insistência contra Ele. No curso de seus gritos, fizeram menção da palavra “Galiléia”, esforçando-se excessivamente, ao que me parece, para introduzir à força essa palavra: “*alvoroça o povo ensinando por toda a Judéia, começando desde a Galiléia até aqui. (Lucas 23:5)”*

A Galiléia era uma região tida com grande desprezo, e mencionaram esse nome com a intenção de denegrir nosso Senhor, como se tratasse de um rude camponês que pertencia aos seres comuns da Galiléia. Eles pensavam que, para Pilatos, a menção deste nome faria às vezes, talvez, da proverbial capa vermelha com a que se provoca um touro enfurecido, pois mantinham a impressão de que Pilatos tinha sido inquietado por pessoas sediciosos provenientes daquela província. Todos nós recordamos que aqueles cujo sangue Pilatos havia mesclado com os próprios sacrifícios eram galileus. Os galileus tinham a reputação de serem indivíduos ignorantes, inclinados ao desvio seguindo impostores, e eram tão entusiastas, que arriscavam suas vidas contra os romanos. Os sacerdotes não somente queriam lançar menosprezo sobre Jesus, a quem costumavam chamar de “o galileu”, mas também queriam avivar os prejuízos de Pilatos, para que esse o condenasse a morte, já que pertencia a um ninho de rebeldes.

No entanto, estavam equivocados nas consequências de seu plano, pois a atenção de Pilatos foi captada diretamente pela palavra “Galiléia”. Essa província não estava diretamente sob sua autoridade – estava sob domínio do tetrarca Herodes Antipas, portanto, pensou consigo: “posso matar dois coelhos com um tiro só: posso desembaraçar-me desse problemático assunto, se eu

enviar esse prisioneiro para Herodes, e também posso agradar muitíssimo ao rei mostrando-lhe essa deferência.”

Pilatos tinha disputado com Herodes, e agora, guiado por um propósito egoísta, resolveu re-estabelecer a amizade, pretendendo uma grande deferência para com os poderes soberanos de Herodes, mostrada ao enviar-lhe um de seus súditos para que fosse julgado por ele. Pilatos, portanto, perguntou: “*é esse homem um Galileu?*”, e quando lhe disseram afirmativamente – pois era Galileu segundo a opinião comum, já que Seu nascimento em Belém tinha sido intencionalmente ignorado - então, Pilatos ordenou imediatamente que fosse enviado a Herodes, já que esse se encontrava em seu palácio em Jerusalém, assistindo ao festival da Páscoa.

Vejam, então, meus irmãos, nosso divino Mestre sendo levado através de Jerusalém em Sua terceira marcha de aflição. Primeiro, foi levado do jardim do Getsemani para a casa de Anás; depois, foi conduzido pelas ruas, desde a casa de Caifás ao petrório de Pilatos; e agora, por ordens deste último, é levado pela terceira vez pela turba irada de sacerdotes, pelas ruas de novo, até o palácio de Herodes, para aguardar lá seu quarto interrogatório.

Alguns dos antigos escritores se agradam em sinalizar que como houve quatro evangelistas para honrar ao Senhor, assim também houve quatro juízes para envergonhá-lo: Anás e Caifás, Pilatos e Herodes. Pisamos em terreno mais firme quando observamos, com a Igreja Primitiva, a coalizão dos pagãos com os judeus: “*porque verdadeiramente contra o teu santo Filho Jesus, que tu ungiste, se ajuntaram, não só Herodes, mas Pôncio Pilatos, com os gentios e os povos de Israel; para fazerem tudo o que a tua mão e o teu conselho tinham anteriormente determinado que se havia de fazer.*” (Atos 4:27-28)

Nessa manhã me esforçarei para expor essa porção deste triste relato, sob os subtítulos: *Herodes diante de Jesus*, e *Jesus diante de Herodes*

**I.** Primeiro quero chamar sua atenção para: **HERODES DIANTE DE JESUS**, porque devem saber algo de seu caráter e algo do significado de suas perguntas, antes que possam entender corretamente a aflição que provocaram a Jesus, nosso Senhor e Mestre

Esse Herodes Antipas era filho do velho Herodes, o Grande, que tinha ordenado a matança dos meninos de Belém<sup>1</sup>, esperando assim destruir ao Rei dos Judeus. Ele era um lasca do velho tronco, porem, era ainda muitos níveis mais perverso que seu progenitor. Não tinha nele nada da grandeza de seu pai: havia sim a mesma má disposição, porem, sem o valor e a decisão. Em

---

<sup>1</sup> Mateus 2:13

algumas coisas não superava Herodes o Grande, mas em certos pontos era uma pessoa muito desprezível. Herodes o Grande pôde ser chamado *um leão*, mas nosso Senhor, muito minucioso, chamou esse Herodes inferior de *raposa*, dizendo: “*Ide, e dizei àquela raposa*” (Lucas 13:32). Ele era um homem de dissolutos hábitos e mente frívola – estava em grande medida debaixo da influência de uma perversa mulher, que destruiu qualquer escasso bem que pudera ter existido nele – era um amante do prazer, um amante de si mesmo, depravado, frágil e frívolo em alto estágio. Estou quase reticente em chamá-lo *homem*, pelo que só o chamaremos: tetrarca<sup>2</sup>.

Esse desprezível tetrarca tinha sido exposto a influxos religiosos. Todos esses Herodes tinham sentido em algumas épocas a influência da religião em maior ou menos grau, ainda que de nenhuma forma eles foram beneficiados por ela. As impressões provocadas por João na consciência de Herodes não duraram muito tempo. A princípio, foram poderosas e práticas, pois nos é informado que: “*Herodes temia a João, sabendo que era homem justo e santo; e guardava-o com segurança, e fazia muitas coisas, atendendo-o, e de boa mente o ouvia.*” (Marcos 6:20)

Eu suponho que Herodes reformou muitos assuntos de seu reino, e se despreendeu, talvez, de alguns de seus piores vícios – porem, quando ao fim João começou a denunciá-lo por ter tomado a mulher de seu irmão<sup>3</sup> para que fosse sua amante – quando essa ainda vivia com seu irmão – lançou aquele que o repreendia em prisão<sup>4</sup>, e depois, vocês lembram como, mesmo aflito, Herodes degolou João na prisão para agradar sua amante Herodias.

Fixem-se nisto: provavelmente não exista uma personagem vivente mais perigosa do que um homem que tenha estado sujeito a influências religiosas, ao ponto de ser materialmente afetado por elas, e que, no entanto, escapou e rejeitou todo temor de Deus. Desprezou sua consciência tão violentamente, que a partir de então conhece poucos escrúpulos. Em um homem assim, se cumpre o dito pelo nosso Senhor: “*Quando o espírito imundo tem saído do*

---

<sup>2</sup> **Tetrarca** é o governante de um quarto de território: depois da morte de Ao morrer em 4 a.C., Herodes, o Grande deixou disposto em testamento a divisão do reino da Judéia entre seus filhos: a Herodes Antipas, o envolvido no julgamento de Jesus, foi designada a tetrarquia da Galiléia (incluindo a Pereia) (FONTE: Wikipédia)

<sup>3</sup> **Herodias** (ou *Herodiade*) foi neta de Herodes, o Grande e irmã de Herodes Agripa I, rei da Judeia. Era filha de Berenice e de Aristóbulo IV (filho de Herodes). Teve como primeiro marido o seu meio-tio por parte de pai Herodes Filipe, com o qual teve uma filha, Salomé. Contudo, Herodias separou-se deste marido para casar com outro meio-tio, Herodes Antipas; este para poder casar com Herodias, teve que se divorciar da sua primeira esposa, Fasaelia, filha do rei nabateu Aretas IV. A união foi condenada por João Batista e gerou animosidade entre o povo, que acusou o casal de incesto. (FONTE: Wikipédia)

<sup>4</sup> (Mateus 14:3-4)

*homem, anda por lugares secos, buscando repouso; e, não o achando, diz: Tornarei para minha casa, de onde saí. E, chegando, acha-a varrida e adornada. Então vai, e leva consigo outros sete espíritos piores do que ele e, entrando, habitam ali; e o último estado desse homem é pior do que o primeiro.”* (Lucas 11:24-26)

A mente de Herodes Antipas esteve na condição do aposento que havia sido varrido e adornado, pois sua vida foi de alguma maneira reformada, mas o espírito imundo, com os outros terríveis sete espíritos, voltou a sua velha guarida, e agora era muitíssimo pior do que alguma vez foi antes. O cão voltou a seu vômito, e a porca lavada a revolver-se no lodo.

Esse Herodes era um idumeu, quer dizer, era um dos descendentes de Esaú<sup>5</sup>; um edomita, e ainda que publicamente houvesse se convertido em judeu, o velho sangue permanecia nele, segundo está escrito concernente a Edom, “*porque perseguiu a seu irmão à espada, e aniquilou as suas misericórdias*” (Amós 1:11) O verdadeiro Jacó estava diante de um tertraca que era da semente de Esaú, profano e mundano como seu ancestral, e pouca foi a compaixão que recebeu. Esaú descendia de Abraão segundo a carne, mas com Jacó foi a aliança segundo o espírito: não é pressagio de nenhum bem para a semente espiritual quando fica, ainda a que seja por um instante, debaixo do poder da semente carnal. Vemos como o filho da carne dedica-se a burlar-se, enquanto que o filho segundo a promessa é chamado a praticar a paciência.

Herodes encontrava-se em tal estado mental, que me proporciona um caráter típico que posso usar para instrução e admoestação de todos vocês. É um tipo de alguns que vêm frequentemente a este Tabernáculo, e que vão ocasionalmente a outros lugares de adoração – pessoas que, uma vez se encontraram sob impressões religiosas, e não podem esquecer que assim estavam, mas que nunca estarão debaixo de nenhuma influência religiosa outra vez. Agora foram endurecidos a uma vã curiosidade: desejam saber sobre tudo o que ocorre na igreja e no reino de Cristo, mas estão extremamente longe de se preocuparem por formar parte e ser porção deles. Estão possuídos de uma vã curiosidade que quer levantar a tampa de ouro da arca, e deslizar-se detrás do véu. Querem compilar todas as absurdas histórias que são contadas acerca dos ministros e repassar todos os singulares comentários feitos algumas vezes pelos pregadores ao largo dos séculos. Eles, com certeza, conhecem todas as fofocas das igrejas, pois se alimentam dos pecados do povo de Deus, da mesma forma que comem do pão. Não é provável que seu conhecimento das coisas religiosas seja de alguma utilidade para eles, mas sempre as buscam

---

<sup>5</sup> **Idumeu**, povo da Iduméia, forma latina do nome Edom, país localizado no Deserto de Negev e do vale de Arabá do qual é hoje o sul do Mar Morto e vizinho ao Jordão, onde estabeleceram-se os descendentes de Esaú. Herodes o Grande era idumeu (Wikipédia)

com avidez: a igreja de Deus é seu salão, e o serviço divino é seu teatro; para eles os ministros são como atores, e o próprio Evangelho é algo assim como uma parte do cenário teatral. São uma espécie de atenienses religiosos, que passam seu tempo entregues a ouvir algo novo<sup>6</sup>: esperando que talvez ouçam algum especial e inesperado sermão, que possam repassar ao varejo nas seguintes reuniões com seus amigos para despertar uma gargalhada. Para eles, toda a pregação é uma farsa, que inchada com umas quantas falsidades de sua própria colheita, convertem-se em uma diversão para eles, e os leva a serem considerados como sujeitos muito divertidos. Que vejam a Herodes e vejam nele seu líder, o arquétipo do que realmente são e do que prontamente serão.

Primeiro vejamos a *vã curiosidade em sua melhor atuação*. Olhem aqui, senhores, e depois vejam a si mesmo em um espelho e detectem a semelhança.

Para começar, encontramos que a curiosidade de Herodes havia sido estimulada porque tinha ouvido coisas concernentes a Jesus: como chegou a ouvir acerca Dele? Suas grandíssimas obras eram matéria de conversas entre o povo: toda Jerusalém ressoava com as notícias de Seus milagres e de Suas potentes palavras. Herodes, um convertido à fé judaica, como de fato o era, interessava-se em qualquer coisa que passará entre os judeus, e com maior razão se tinha relação com seu reino, pois a suspeita que despertou a ira de seu pai não estava de todo ausente de seu filho.

Sem dúvida, também tinha escutado sobre Cristo por parte de João. João Batista não pregaria muito a Herodes sem que usasse seu grandioso texto “*Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo.*” (João 1:29) Estou certo de que, ainda que João era um pregador de justiça, não teria deixado de ser um arauto do Salvador que vinha, e assim, dos severos lábios do grande Batista, Herodes teria ouvido acerca do Rei dos Judeus, e algo relativo a Seu reino.

Quando João morreu, Herodes escudou ainda mais sobre Cristo, de tal forma que, maravilhado pelos feitos que estavam sucedendo, disse: “*Este é João o Batista; ressuscitou dos mortos*” (Mateus 14:2) Jesus se converteu em uma espécie de pesadelo para sua consciência: estava perturbado e alarmado pelo que ouvia do que o profeta de Nazaré estava fazendo.

Além disso, havia uma pessoa em sua casa que sem dúvida conhecia muito do Salvador – pois na corte de Herodes estava o esposo de uma mulher que servia de seus bens ao Senhor. O nome da dama era Joana, e seu esposo Cuza, o procurador de Herodes<sup>7</sup>: suponho que era o mordomo e administrador de sua

---

<sup>6</sup> Atos 17:21

<sup>7</sup> Lucas 8:3

casa. Cuza pode ter proporcionado-lhe notícias frescas relativas a Jesus, e podemos estar certos de que ampliou suas averiguações, pois o temor do grande profeta estava sobre ele. Dessa maneira, a curiosidade de Herodes tinha sido estimulada quanto a nosso Senhor Jesus Cristo durante um considerável tempo, e desejava vê-lo.

Eu não lamento quando isso ocorre a algum de meus leitores: alegro-me muito de que ouçam algo sobre o Senhor por parte de seus amigos, algo acerca Dele por parte de Seus ministros, e por parte daqueles de nós cuja maior glória é, ainda a que não somos dignos de desatar a correia de sua sandália, todo nosso ofício aqui embaixo é clamar: *“Eis aqui o Cordeiro de Deus!”* Assim, esses rumores, essa prática, essas admoestações tinha gerado o desejo da mente de Herodes de que seus olhos pousassem em Jesus; até aqui tudo ia bem.

Com frequência há homens nesses tempos que vêm à casa de oração para ouvir o pregador – não porque querem ser convertidos, não porque tenham alguma ideia de converterem-se alguma vez em seguidores de Jesus, mas sim porque ouviram algo sobre a verdadeira religião que provoca sua curiosidade, e quiseram saber de que se trata tudo isso – são aficionados nas curiosidades da literatura, também querem estudar as curiosidades da religião, as raridades da oratória, e coisas notáveis de tipo teológicas.

É dito de Herodes, como consequência dessa curiosidade, que se alegrou de ver Jesus. Diz que *“alegrou-se muito.”* Como é esperançoso encontrar-se nesse estado! Por acaso não poderíamos esperar grandes coisas quando um homem vê a Jesus e se alegra muito? Quando lia essa passagem em privado, pensei: *“ora, essa linguagem poderia muito bem descrever a um filho de Deus - nosso texto poderia ser expresso adequadamente em referência a nós”* - permitam-me lê-lo linha por linha e comentar-lhe:

*“Herodes, quando viu a Jesus, alegrou-se muito”* – de igual maneira se alegraram os apóstolos quando Jesus se manifestou a ele, pois está escrito, *“os discípulos se alegraram, vendo o Senhor. (João 20:20)”* Que outra visão pode proporcionar tal gozo a um verdadeiro crente?

*“Porque desejava vê-lo”* – Será que nós não estamos desejosos? Não está todo Seu povo ansiando essa bendita visão que constituirá seu céu ao longo de toda eternidade?

*“Porque havia muito que desejava vê-lo”* – Isso também é verdade quanto a nós: nossos corações estão cansados de vigiar, e nossos olhos desfalecidos por estarem anelantes da visão de Seu rosto. *“Por quê demora?”*, clamamos, *“vem depressa, amado meu, e faze-te semelhante ao gamo ou ao filho dos veados sobre os montes dos aromas.”* (Cânticos 8:14)

*“Por ter ouvido dele muitas coisas; e esperava que lhe veria fazer algum sinal.”* Essa, também, é nossa esperança: queremos ver e sentir algum milagre da graça: seja sobre nossos olhos, para que sejam abertos; ou sobre nossas mãos, para que possamos ter maior poder na obra do Senhor; ou sobre nossos pés, para que corramos nos caminhos da obediência; e especialmente, sobre nossos corações, para que sempre sejamos benévolos e amorosos, puros e agraciados, para sentir a mente de Deus.

Sim, essas palavras soam muito bonitas, verdadeiramente – mas, no entanto, vocês podem ver que o significado não era o espiritual e elevado que uns lhes assinalariam, mas antes, o baixo e rasteiro que era tudo o que Herodes podia alcançar.

Herodes *“alegrou-se muito”* – porem tratava-se de uma frívola alegria, porque esperava que agora sua curiosidade fosse satisfeita. Tinha a Jesus em seu poder e agora esperava ouvir algo da oratória do profeta de quem os homens diziam: *“Nunca homem algum falou assim como este homem.”* (João 7:46) Esperava ver realizar algum milagre Daquele de quem o testemunho era: *“Tudo faz bem; faz ouvir os surdos e talar os mudos.”* (Marcos 7:37) Por acaso não poderia o grande profeta ser induzido a multiplicar os pães e os peixes? Talvez não poderia persuadir a Ele que curasse a algum mendigo cego, ou fazer algum coxo saltar como um coelho? Um milagre não proporcionaria um raro jubilo para o palácio de Herodes, e não causaria uma nova sensação no desgastado libertino? Sim, por exemplo, um cadáver fosse desenterrado, e Jesus o restaurasse a vida, seria algo digno de se comentar quando o rei desfrutasse da seguinte bebedeira com Herodias e a gente de sua laia. Quando cada um estivera tratando de superar a outro no relato de estranhas histórias, Herodes superaria a todos!

Nesse estilo, muita gente vem a ouvir o evangelho. Querem ter uma anedota sobre um notório pregador, e se não enxergam algo ridículo ou se não ouvem algo impactante, inventarão uma história, e jurarão que a ouviram e a viram, ainda que a mentira pudesse estrangulá-los. Atuam assim por que eles vêm só para nutrir sua faminta curiosidade. Ninguém leva isso a tal ponto como aqueles que uma vez sentiram uma medida do poder da palavra de Deus, mas a lançaram fora com uma sacudida. Esses são os burladores cujas ataduras apertam-se mais – esses são os preguiçosos que convertem até mesmo o testemunho do Senhor em alimento para sua diversão. No entanto, a primeira vista, há algo que parece muito esperançoso acerca deles, e nos agrada que exibam tal gozo quando Cristo é exposto diante deles.

Um sinal negativo quanto a Herodes Antipas foi o fato de que sua consciência havia adormecido depois de ter-lhe remoído por um tempo. Por um breve



tempo, Herodes esteve temeroso de Jesus, e o temia por medo de que João houvesse ressuscitado dos mortos – porem, o medo tinha sido aplacado e a superstição cedido diante de seu saduceu ceticismo. Esperava que Jesus fizesse algo maravilhoso em sua presença – mas havia perdido todo medo do Justo e Santo.

Herodes era um homem de mente vã: mandou matar no dia seguinte ao homem que no dia anterior temeu; e ao que receberá com alegria, despedia com escárnio. Não restava a Herodes nenhum sentimento para com Jesus exceto a sede de ver algo novo, e o desejo de ser assombrado, e a ânsia de ser entretido.

Parece que lhe vejo agora sentado em seu trono, esperando presenciar prodígios como um bom frívolo que era. *“Agora veremos”* dizia para si *“agora veremos o que veremos! Talvez se liberte usando a pura força – se ele caminhou sobre o mar, provavelmente voará pelo ar. Talvez ficará invisível, e assim passará em meio dos principais sacerdotes. Ouvi que muitas vezes, quando queriam apedrejá-lo, ou lançar-lhe do despenhadeiro de um monte, Ele se distanciava passando pelo meio deles, talvez faça o mesmo essa manhã.”* Ali está ele sentado, o astuto príncipe, imaginando qual iriam ser os poderosos feitos, considerando até mesmo as manifestações do poder divino como meros truques de um artista do espetáculo, ou ilusões de um mago.

Quando Jesus foi apresentado diante dele, começou a fazer-lhe perguntas: *“E interrogava-o com muitas palavras.”* Alegra-me que as perguntas não estejam registradas: não nos teriam feito nenhum bem – e, além, nossos modernos Herodes são grandes mestres dessa arte em nossos dias, e não precisam que ninguém lhes ensine. Não necessitamos que nos proporcionassem velhas perguntas e velhas astúcias, pois a provisão corresponde a nossos requerimentos. Os néscios podem fazer mais perguntas em dez minutos do que os sábios são capazes de responder em cinquenta anos. Eu digo que não precisamos de velhas perguntas, porem, atrevo-me a dizer que seriam perguntas desse tipo: *“És tu esse Rei dos Judeus a quem meu pai intentou matar? Como chegou a ser um nazareno? Foi um milagreiro, ou tudo isso é, mais bem, ilusionismo ou nigromancia?”* <sup>8</sup> *João falou-me de Ti; o enganaste ou é verdade? Ressuscitaste aos mortos? Podes sarar os enfermos?”* Procurando provocá-lo a realizar um milagre ao longo de todo esse processo, expôs dúvidas e disputou desmembrando volatilmente os términos da lógica, pois o texto menciona sugestivamente *‘muitas palavras’*.

---

<sup>8</sup> **Nigromancia** : Arte da adivinhação através da consulta aos mortos. Na Antiguidade esse modo de adivinhar se chamava necromancia. Na Idade Média a Igreja Católica, diabolizando as adivinhações, transformou-o em *nigromancia*, ou seja, modo de adivinhação através da consulta aos demônios. (Fonte: Wikicionário)

Os curiosos em matéria de religião geralmente são muito propensos a fazer perguntas – não que precisem de Cristo, não que necessitem do céu, que precisem do perdão do pecado, não que precisem de nada bom – mas ainda assim, queriam saber tudo aquilo que seja escuro e misterioso teologicamente – queriam ter uma relação das dificuldades da fé, um catálogo das curiosidades da experiência espiritual. Alguns homens colecionam samambaias, outros são especialistas em besouros, mas essas pessoas bisbilhotam a vida da igreja, em suas doutrinas, em seus empenhos, metas, debilidades, e especialmente essas últimas. Poderiam escrever um livro sobre a Inglaterra ortodoxa e a Inglaterra heterodoxa, e refletir com unção sobre extravagâncias mentais. Proporcionam-lhes algo novo e incrementa sua coleção de informações, e por isso não poupam perguntas bisbilhoteiras, pois eles querem, se possível, analisar o maná do céu, e destilar as lágrimas de Cristo: nada é sagrado para eles – colocam as Escrituras no cavalo do tormento, e sofismam sobre as palavras do Espírito Santo.

Desta forma, apresentei a vã curiosidade em sua melhor atuação. Agora prossigamos e vejamos como Jesus tratou essa curiosidade, considerando-a sob o título: A VÃ CURIOSIDADE DECEPCIONADA. “*E interrogava-o com muitas palavras, mas ele nada lhe respondia!*” Se Herodes houvesse possuído um coração quebrantado, Jesus teria se apressado a tapar-lhe com ternas palavras – se Herodes tivesse sido um genuíno buscador, se suas dúvidas tivessem sido sinceras e verdadeiras, a Testemunha fiel e verdadeira, o Príncipe dos reis da terra, teria ficado encantado de falar com ele.

Mas Jesus sabia que Herodes não queria crer Nele e que não tomaria sua cruz nem o seguiria – e, portanto, não desperdiçaria palavras em um libertino sem alma e sem coração. Não havia dito a Seus próprios discípulos: “*Não deis aos cães as coisas santas, nem deiteis aos porcos as vossas pérolas?*” (Mateus 7:6) Ele via nesse homem um ser tão ruim, astuto, covarde e cruel, que o catálogo como uma raposa que tinha de ser deixada tranquila antes que uma ovelha perdida que deveria ser buscada. Ele era uma árvore duas vezes morta e desgarrada. Tudo o que o Mestre fez foi guardar um silêncio absoluto em sua presença – e sem importar o que perguntará “*Ele nada lhe respondeu.*”

Observem meus irmãos, que nosso Senhor Jesus Cristo não veio a esse mundo para ser um ator: não deixou Sua glória para ganhar a surpreendida aprovação dos homens: e posto que Herodes o considerava como um mero fazedor de milagres, e queria converter sua corte em um teatro no qual Jesus fosse o ator principal, nosso Senhor, sabiamente, guardou silêncio e não fez nada.

E algumas vezes Seus ministros seriam sábios se guardassem silêncio também. Se souberem que os homens não possuem desejos de aprender, que não têm

nenhum anelo ou aspiração espiritual, eu digo que seriam sábios se ficassem completamente calados.

Algumas vezes admirei a George Fox<sup>9</sup>, que em certa ocasião, quando a multidão se reuniu a seu redor, esperando que pregasse algum sermão ardoroso, ficou calado por espaço de duas horas, enquanto a multidão clamava pedindo-lhe que falará. Não conseguiram nem uma palavra dele. Disse que queria que passassem fome de palavras, pois palavras eram o único que queriam, e não o poder do Espírito. Provavelmente, lembraram-se de seu silêncio melhor do que teriam recordado seu mais veemente sermão. Algumas vezes, o silêncio é tudo o que os homens merecem, e o único com que com alguma probabilidade os comoveria. Como o Senhor Jesus não era um ator, não agradou Herodes, e não lhe respondeu nem uma só palavra.

Ademais, vocês deverão de lembrar que Herodes já havia calado à Voz, e não se surpreenderão de que não pudesse ouvir a Palavra. Pois, que era João? Ele disse: *“Eu sou a voz do que clama no deserto.”* (João 1:23) O que Jesus era senão a Palavra? Para aquele que silencia a Voz, muito bem pode ser indeferida a Palavra. A alma superficial de Antipas não tinha sido comovida - estou a ponto de dizer até as suas profundezas – as profundezas que houvera? Não havia sido admoestado por um dos maiores dos filhos dos homens? Pois, entre os nascidos de mulher, não havia se levantado um maior que João o Batista. Não tinha brilhado em seus olhos uma luz ardente e resplandecente? E se ele recusou ouvir ao maior dos nascidos de mulher, e recusou em ver a luz mais brilhante que Deus ascendeu então, não era correto que o Salvador lhe negará inclusive um raio de luz, e deixasse que percesse nas trevas que ele mesmo havia fabricado?

Ah, senhores, vocês não podem desdenhar as impressões religiosas impunemente. Deus não o considera uma trivialidade. Algum que tenha sido alguma vez comovido em sua alma e tenha rejeitado a palavra celestial, muito bem pode temer que lhe seja dito: *“Não contenderá o meu Espírito para sempre com o homem”* (Genesis 6:3) *“Efraim está entregue aos ídolos; deixa-o.”* (Oséias 4:17)

Alguma consciência aqui presente não deveria – se tivesse ainda que fosse um pouco de visão – ser alarmada pela lembrança de seus rechaços anteriores do Evangelho, de seus frequentes abafamentos do Espírito, de seus repetidos pisões sobre o sangue de Jesus: Se Deus não lhe fala outra vez pela via da misericórdia, não têm nenhum direito de esperar que o faça: e se desde esse dia até o dia do Juízo, o Senhor não lhe dera outra obra palavra de misericórdia,

---

<sup>9</sup> **George Fox** (1624–1691) foi um dissidente inglês e o fundador da Sociedade dos Amigos, conhecida geralmente como os Quakers. (Fonte: Wikipédia)

quem poderia dizer que foi tratado duramente? Não mereceu de Sua mão tal como mereceu Herodes?

Mais ainda, lembrem que Herodes teria tido oportunidade de ouvir a Cristo anteriormente centenas de vezes, se houvesse querido fazê-lo. Jesus podia ser encontrado sempre por aqueles que desejavam escutá-lo. Ele não se movia esgueirando na Galiléia, nem sustentava confabulações secretas e encobertas. Sempre falava nas sinagogas e Herodes poderia ter ido lá – Ele falava nas ruas ou nas praias, nas encostas dos montes, e Herodes teria tido possibilidade de ir lá. Jesus estava valorosamente diante do povo, e Seu ensino era público e livre – se Herodes houvesse desejado ouvi-lo, teria conseguido ter feito incontáveis vezes: portanto, tendo desprezado todas aquelas oportunidades, o Salvador não lhe proporcionaria outra agora, e trataria da mesma maneira. Ele não lhe responde nada, e ao fazer isso, lhe responde terrivelmente.

Tenham cuidado de não desperdiçar as oportunidades. Queridos leitores, tenham cuidado de como desperdiçam os domingos. Poderia chegar um dia quando desejarem dar mil mundos por outro domingo, mas lhes será negado. Poderia chegar um dia quando estariam dispostos a entregar toda sua riqueza para terem outra chamada para vir a Cristo, mas lhes será negada: pois deverão morrer, e a voz da misericórdia não ressoará outras vez a seus ouvidos. Aqueles que não querem quando podem, não poderão quando queiram. Muitos tocarão depois de que o Senhor da casa tiver se levantado, e houver cerrado a porta – mas quando Ele fecha, nenhum homem abre. A porta foi fechada para Herodes.

Observem que nosso Senhor tinha uma boa razão para recusar falar com Herodes essa vez, em acréscimo às razões já mencionadas – e consistia em que Ele não queria que se cogitasse que tinha cedido à pompa e à dignidade dos homens. Jesus nunca recusou uma resposta à pergunta de um mendigo – mas não agradaria a curiosidade de um rei. Herodes sonha que têm o direito de fazer quantas perguntas impertinentes lhe ocorra inventar – mas Jesus não sabe nada dos direitos dos homens em uma matéria assim: para Ele conta somente a graça, e para Ele o príncipe sobre o trono não é uma polegada melhor que o campesino em sua cabana, e assim, quando Herodes, em todo seu orgulho e glória, está completamente seguro de que Cristo lhe renderá deferência e, talvez, o adule para ganhar seu favor, Jesus não lhe faz caso. Ele não quer nada com o assassino de João Batista. Se Herodes tivera sido o mais pobre e mais desprezível leproso de toda Judéia – o mais humilde mendigo da rua, que fora coxo ou cego, sua voz teria sido ouvida imediatamente pelo Senhor de misericórdia – mas Ele não ia responder ao príncipe que esperava uma homenagem de Suas mãos, nem alimentaria os vão desejos de um réprobo manhoso. Que favor Ele iria querer das mãos de Herodes? Ele não tinha vindo para ser libertado – Ele veio para morrer, e por isso colocou Seu rosto como

uma rocha, e com um valor heróico, não lhe respondeu uma palavra sequer.

Agora, então, já viram à insignificante curiosidade em seu ponto de maior brilho, e a viram decepcionada, como geralmente está até o dia de hoje. Se as pessoas vem para ouvir o Evangelho motivadas por essa vã curiosidade, geralmente se retiram dizendo: *“realmente não vejo nada nele. Não temos escutado nada eloquente, nada profundo, nada extravagante.”* Assim mesmo é – não há nada no Evangelho para agradar aos sensuais, ainda que tenha tudo para abençoar aos pobres. Jesus não respondeu nada para Herodes, e não lhes responderá nada a vocês que são da mesma laia desse tetrarca. A sentença para os frívolos é que não recebam nenhuma resposta do Evangelho: nem as Escrituras, nem o ministério, nem o Espírito de Deus, nem o Senhor Jesus falarão com eles.

Qual foi o resultado dessa desilusão de Herodes? *A vã curiosidade se condensa e se torna escárnio.* Pensa que o homem é um tonto, se não é que um idiota, e se o diz, e começa a burlar-se dele. Com seus soldados começa a mofar-se dele, e a *“menosprezar-lhe,”* que significa abatê-lo a nada. Chama a seus soldados e lhes diz: *“olhem para essa criatura: Ele não responde uma só palavra ao que lhe digo: está privado de seus sentidos? Despertem-lhe e vejam.”* Então, eles mofam, riem, burlam e menosprezam-lhe. *“Tenho uma ideia”* – diz Herodes – *“Ele diz que é um rei! Tragam minha reluzente roupa e ponham nele: o vestiremos de rei.”* E assim o cobriram com essa roupa, e outra vez se a golpearam sobre Ele, ultrajando-o.

Não foi estranho que o vestiram com um esplêndido manto de um branco deslumbrante? Os escritores medievais se agradavam em refletir sobre o fato de que Herodes vestiu de branco a nosso Senhor, e depois Pilatos o vestiu de púrpura. Ele não é o Lírio do vale e a Rosa de Sarón? Acaso não é incomparavelmente branco por Sua inocência, e também gloriosamente vermelho em Seu sangue expiatório?

Assim, em seu próprio escárnio, ele nos expõe inconscientemente tanto Sua santidade imaculada como Sua majestosa realeza. Quando lhe insultaram até a se satisfazerem, o enviaram de regresso a Pilatos, chutando-lhe a seu capricho dos pés à cabeça, como se fosse uma bola de futebol para sua diversão. Então, nosso Senhor completou Sua quarta procissão dolorosa através das ruas da cidade pela que havia chorado.

Isso é o que, largamente, os ociosos fazem com Cristo – em sua desilusão se cansam Dele e de Seu Evangelho, e clamam: *“fora com Ele; não existe nada Nele, nada do que buscávamos nada que satisfaça a curiosidade, nada sensacional; leve ele.”* E Jesus se afasta para não voltar jamais: e esse é o fim de Herodes, e é o fim de muitíssimas pessoas más.

**II.** Meu tempo quase se esgotou; porem sejam indulgentes para comigo enquanto ainda por uns quantos minutos procuro expor a JESUS NA PRESCENÇA DE HERODES. Ainda que não se registre golpes, eu questiono seriamente se nosso Divino Mestre sofreu em alguma outra parte mais do que sofreu no palácio de Herodes. Vocês e eu, talvez, captemos mais facilmente a dor dos sofrimentos mais notórios quando lhe açoitaram e quando teceram a coroa de espinhas e a puseram sobre Sua cabeça, mas a mente delicada e sensível de nosso Senhor, possivelmente, foi mais afetada pelo que sofreu no palácio de Herodes do que pela tortura mais despiedosa.

Primeiro, aqui está um homem totalmente entregue à salvação de nossas almas, e em meio de Sua dolorosa paixão, é considerado como um charlatão e um simples ator, de quem se espera que faça um milagre para diversão de uma ímpia corte. Como se fere um homem sincero no mais íntimo quando descobre que, sem importar o que esse tente, as pessoas não simpatizam com ele sinceramente, mas sim criticam friamente seu estilo, imitam seus modos, ou admiram suas expressões como assuntos de gosto literário.

Quebranta seu coração quando seu ardor lhe faz esquecer o seu ego, só para descobrir que outros estão fixando-se em bagatelas, convertendo seus esforços em uma espécie de espetáculo. O Cristo deve de ter-se sentido ferido em Sua própria alma quando foi tratado como um mero ator, como se houvesse deixado o seio do Pai e estivesse a ponto de entregar-se à morte, e, no entanto, estivera tratando de divertir e de espantar.

Eu sei como entristece aos servos de meu Senhor quando pregam dando seu coração para levar aos homens ao arrependimento, e o único resultado é provocar o comentário de que *“seus argumentos foram surpreendentes, essa patética peça foi muito boa.”* Há um espinho em tais palavras gélidas, que penetram mais profundamente que a coroa de espinhos: a horrível indiferença golpeia como o látego romano.

Logo pensar que nosso Senhor é interrogado por um torpe como Herodes! Um homem de uma alma sincera e intensa, vivendo unicamente para uma coisa que era a redenção da humanidade, está aqui sendo afligido pelas néscias perguntas de um home do mundo. Encontraram-se alguma vez em uma agonia de dor corporal, e receberam a visita de alguma pessoa frívola que começa a torturar-lhes com as maiores sandices e contradições? Por acaso não sentiram que suas verborréias eram piores que a dor?

Deve de ter sucedido o mesmo com Jesus. Quando o ridículo interroga ao sublime, o resultado é a calamidade. Com o suor sangrento ainda úmido sobre Sua frente, e com a maldita saliva ainda enfeando Seu bendito rosto, o Varão

de dores deve ser torturado pela estupidez de um ocioso sem coração. Com Seu coração pressionado por um sentido da terrível pena do pecado, o grandioso Substituto dos pecadores deve ser molestado pela mesquinha abundância de palavras e as impudicas burlas de dois do piores seres da humanidade. Resolvendo eternos conflitos, e edificando um templo eterno para o Deus vivente, Ele deve ser vituperado por um orgulhoso tetrarca, atormentado e torturado por néscias perguntas somente inadequadas para serem feitas a um charlatão. Nós cremos que a própria cruz não foi um pior instrumento de tortura que a língua altiva desse corrompido monarca.

Então, o cinismo de todo esse assunto deve de ter torturado nosso Senhor. Todos eles se amontoaram em Seu redor com sua risada rouca e suas profanas burlas. Converteu-se em refrão e motivo de gozação para eles. Quando vocês estão contentes, podem desfrutar de seu júbilo; mas quando o coração está triste, a risada é repugnante, discordial e agrava a vossa dor. Agora esse ri e logo aquele se burla, enquanto que um terceiro saca sua língua e todos eles estão estrepitosamente joviais. Harmoniosamente todos eles estão menosprezando, ainda que, com terrível determinação, Ele está levantando ao mundo fora do pântano do desalento, e colocando em seu lugar entre as estrelas da glória novamente. Jesus estava executando tarefas mais que hércules<sup>10</sup>, e esses seres insignificantes, como tantos mosquitos e varejeiras, lhe estavam picando. As coisas pequenas são grandes instrumentos de tortura, e esses seres indignos fizeram o mais que puderam para atormentar nosso Senhor. Oh, a tortura do espírito do Senhor!

Lembrem que não foi uma aflição pequena para nosso Senhor permanecer calado. Vocês me dirão que se mostra majestoso em Seu silêncio. Isso é correto – mas a dor dele foi aguda. Podes falar bem? Encanta-te falar para o bem de teus semelhantes, e saber que quando fala muito frequente tuas palavras são espírito e são vida para aqueles que te escutam? Seria muito duro sentir-se obrigado a recusar-lhes uma boa palavra. Não se imaginem que o Senhor desprezava a Herodes como Herodes desprezava ao Senhor. Ah, não! A piedade de Sua alma se esbanjava até essa pobre criatura frívola que necessitava divertir-se com os sofrimentos do Salvador, e tratar ao Filho do Altíssimo como se fosse um bobo da corte que deve atuar em sua frente. O infinito amor do Salvador lhe estava quebrantando o coração, pois Ele anelava falar a Seu perseguidor, mas, no entanto, não deve falar nem expressar nenhuma palavra de advertência. Certamente que havia pouca necessidade de palavras, pois só Sua presença era um sermão que devia ter derretido a um coração de pedra – mas, no entanto, lhe custou ao Salvador um portentoso esforço manter fechadas os portões das águas, e reter as torrentes de Seu santo

---

<sup>10</sup> Referência aos trabalhos de Hercules, na mitologia Grega: enormes

discurso, que teriam fluido em argumentações compassivas. Ele devia estar calado – mas a angústia disso dificilmente a posso expor.

Algumas vezes, que seja permitido a algum falar uma palavra é o maior consolo que se poderia receber. Nunca se encontram em tal estado que se pudessem clamar, isso teria sido um alívio para vocês? Que angustias, então, se ver forçado a ser como um mudo! Que aflição se ver forçado a estar quieto com todos esses burladores a Sua volta, e, no entanto, ter compaixão de todos eles! Como um homem que sente compaixão de uma mariposa noturna que voa acima da chama de uma vela e não quer ser libertada, assim nosso Senhor teria compaixão dessas criaturas. Que triste que podiam se divertir com sua própria condenação, e lançar a salvação de Deus ao chão, e rolar ela como os porcos rolam suas alfaborras. Oh, isso afligia ao coração do Senhor: Comovialhe até ao centro de Sua alma!

Pensem no supremo desprezo que foi lançado sobre Ele. Eu não julgo que esta tenha sido a mais amarga de Suas aflições, pois Seu desprezo era uma honra para Ele – no entanto, era um ingrediente de Sua copa mesclada de vinagre e fel, que o desprezaram tanto ao ponto de lhe cobrirem de um manto branco, e escarnecerem de Sua dignidade real, quando dessa dignidade real pendia sua única esperança.

Então Herodes com seus soldados “*the menosprezou,*” quer dizer, o rebaixou a nada, e se burlaram e riram Dele, e assim não havia nada mesmo acerca de Sua condição de homem que poderiam respeitar, inventaram formas pelas quais poderiam derrama escárnio sobre Ele.

Lucas é o Evangelho do homem – se querem ler sobre Jesus em Sua humanidade, leiam a Lucas – ali observarão como Sua própria humanidade foi jogada na lama por essas criaturas inumanas, que encontravam seu deleite em desprezá-Lo.

Vejam, então, a vosso Senhor e Mestre, e permitam-me fazer-lhes duas ou três perguntas. Vocês acaso não pensam que esse silêncio peculiar de Jesus era uma parte de Sua angústia, na qual Ele estava suportando o castigo pelos seus pecados da língua? Vamos, vamos! Redimidos do Senhor, como frequentemente abusaram de sua linguagem pelo uso de palavras licenciosas! Qual frequentemente temos expressado palavras murmuradores, altivas, falsas, desprezos às coisas santas; e agora nossos pecados de língua estejam todos caindo sobre Ele, e Ele deve se manter calado ali e suportar nosso castigo.

E não é possível que quando lhe colocaram a esplendida roupa, não estava carregando Ele com seus pecados de vaidade, seus pecados de moda e do orgulho, quando vocês se fizeram gloriosos, e se cobriram com roupas



magníficas e vestidos deslumbrantes? Não sabem que essas coisas são sua vergonha? Pois assim se não tivessem tido nenhum pecado, não teriam necessitado desses pobres farrapos; e Cristo não poderia, vestido de branco e púrpura estar carregando com seus pecados de insensatez?, E, não pensam que quando estava reduzindo-lo a nada e escarnecendo-o, estava então levando nossos pecados quando, talvez, em nossos dias de impiedade, nós também nos divertimos com as coisas santas e nos burlamos da palavra de Deus? Vamos, eu creio que assim foi, e eu lhes peço que o olhem, e digam ao vê-lo assim ali: *“depois de tudo não é Herodes; é minha língua, minha vaidade, meu jogo com as coisas santas, ou que lhe causou essa sutil tortura. Senhor Jesus, seja meu substituto, faz que todas essas transgressões minhas sejam retiradas de uma vez por todas por Tua meritória paixão.”*

Finalmente, lemos que Herodes e Pilatos se fizeram amigos a partir daquele dia<sup>11</sup>, e eu verdadeiramente espero que se hajam algumas pessoas aqui que sejam cristãos de sincero coração, e que se tenham tido qualquer tipo de inimizade de uns para com outros, que considerem uma grande vergonha que Herodes e Pilatos sejam amigos, e que dois dos seguidores de Jesus não sejam amigos frente ao espetáculo do Senhor sofredor. Enquanto a essas duas raposas, Pilatos e Herodes, foram colocados juntas, cauda a cauda, por nosso grandioso Sansão.

Nosso Senhor foi com frequência um ponto de união para homens perversos, não por Sua intenção e propósito, mas devido que se uniram com objetivo de se oporem a Ele. Frequentemente sorrio em meu coração ao ver como a superstição e o ceticismo marcham juntos quando estão ansiosos de se oporem ao Evangelho. Então, o saduceu disse: “Dá-me tua mão, querido fariseu; temos um interesse comum aqui, pois esse quer transtornar a nós todos.” O Evangelho é o inimigo mortal tanto do cético saduceu como do supersticioso fariseu, e assim deixam de lado as diferenças para lançarem-se contra Ele. Agora, se os malvados se unem diante de nosso Senhor Jesus quando Ele está vestido com o manto branco, não deveria Seu povo estar mais unido, especialmente lembrando-se que Ele disse: *“Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros.”* (João 13:34)

Eu os exorto por sua reverência para com Ele, a quem chamam de Mestre e Senhor, que se por acaso possuem alguma diferença de qualquer tipo com algum irmão cristão, que não permitam que sol se ponha enquanto não houverem dado fim a isso por um sincero amor a Jesus. Que seja visto que Cristo é o grandioso unificador de todos aqueles que estão Nele. Ele quer que nos amemos uns aos outros como Ele nos tem amado, e Sua oração é que

---

<sup>11</sup> Lucas 23:12

sejamos um. Que o Senhor ouça essa oração, e nos faça um em Cristo Jesus.  
Amém.

## **FONTE:**

Traduzido do espanhol *Nosso Senhor ante Herodes*, tradução de Allan Román, com autorização e permissão deste para o português para o Projeto Spurgeon , de <http://www.spurgeon.com.mx/>

Todo direito de tradução protegido por lei internacional de domínio público  
Sermão nº 1645—Volume 28 do *Metropolitan Tabernacle Pulpit*,  
*Original em inglês: OUR LORD BEFORE HEROD*

Tradução: Armando Marcos Pinto



**Projeto Spurgeon | Pregamos a Cristo Crucificado.**

**Projeto de tradução de sermões, devocionais e livros do pregador batista reformado Charles Haddon Spurgeon (1834-1892) para glória de Deus em Cristo Jesus, pelo poder do Espírito Santo, para edificação da Igreja e salvação e conversão de incrédulos de seus pecados. Acesse em: <http://www.projetospurgeon.com.br/>**